

1 Introdução

A psicanálise surge do encontro de Freud com a mulher no final do século XIX em Viena, em seu esforço inicial de compreender os sintomas histéricos que suas pacientes desenvolviam. Os estudos sobre a histeria são o marco inicial da psicanálise e da produção de diferentes formulações, que levam Freud a compor uma rede complexa de elaborações teóricas, entre as quais nos interessa destacar o registro do inconsciente, relacionado aos efeitos produzidos pela diferença anatômica entre os sexos. Enfatizamos, dessa maneira, a marca central do pensamento freudiano sobre a sexualidade que se funda nas conseqüências psíquicas produzidas da diferença anatômica, organizada em torno do falo. Essas conseqüências psíquicas incidem diretamente sobre as mulheres no complexo percurso rumo à feminilidade. Esta só seria alcançada por intermédio do desejo de uma mulher ter um filho, substituindo o desejo feminino de um pênis (Freud, 1933). Assim, a maternidade era considerada o representante maior da feminilidade – concepção próxima dos padrões culturais da época. Essa visão seria fruto do pensamento moderno da diferença entre os sexos, por onde se formulou a crença em uma natureza feminina frágil e passiva, e, portanto, adequada à realização da função materna e do papel de esposa voltada para o lar e para a família. Dessa forma, o dizer psicanalítico de Freud reflete o ideal de feminilidade e um tipo de representação de mulher presentes em sua sociedade, formulados ao longo dos séculos XVIII e XIX.

É nesse sentido que vários psicanalistas apontam a quanto a teoria freudiana foi construída tendo como representante histórico e cultural o cenário da Modernidade, apresentando, dessa forma, seus impasses teóricos e suas contradições no que concerne ao desenvolvimento da sexualidade feminina. A crítica central dos psicanalistas com os quais trabalhamos consiste na postulação freudiana por meio da qual o falo ocupa um lugar central no campo da subjetivação – modelo tradicional de pensar a diferença sexual – e, conseqüentemente, da concepção de feminilidade tida como a melhor saída para o desenvolvimento da sexualidade feminina, que culminaria na maternidade.

Tecendo um outro fio interpretativo, a partir da tão comentada obra de 1937, Birman (1999, 2001) vislumbra uma nova cartografia para a feminilidade, em que não há notícias do referencial fálico. O autor propõe uma releitura da sexualidade em Freud, destacando os conceitos de corpo erógeno e sublimação. Inserida na nova perspectiva, Arán (1999, 2002) como quem puxa um outro fio interpretativo, destaca a noção Benjaminiana de experiência e, sobretudo, a concepção psicanalítica de pulsão no que se articula ao conceito de alteridade, enfatizando uma outra leitura possível do feminino em psicanálise.

O pensamento tanto de Birman (1999, 2001) quanto de Arán (2001, 2002) são considerados abertos e atuais, refletindo teorizações ainda em elaboração – insuficientes –, mas que também não possuem a pretensão de se constituir como um modelo fechado, com pressupostos universais, haja vista a preocupação desses autores em relacionar a formulação dos conceitos com suas condições de possibilidades históricas, o que permite a presença de uma certa modalidade no campo da subjetivação. Dessa forma, a nova interpretação do feminino em psicanálise diz respeito a um território teórico e conceitual inserido no contexto da cultura contemporânea. Arán (2001) aponta para mudanças significativas ocorridas em nossa sociedade como a crise crescente na família nuclear, a inserção da mulher no mercado de trabalho, o movimento feminista e uma política da visibilidade da homossexualidade, fatores que contribuíram para outras formas de se expressar o feminino, como também de se pensar a noção de diferença sexual. Assim, a discussão sobre o conceito de feminilidade em psicanálise se dá nesse contexto e objetiva refletir sobre a presença de novas formas de subjetivação na cultura contemporânea.

No entanto, assinalamos que a produção teórica psicanalítica desde seus primórdios foi construída sob o olhar da classe média dos grandes centros urbanos. A mulher e as configurações do feminino sempre foram fruto de intensas discussões na psicanálise, desdobrando-se em extensas produções teóricas presentes até os dias atuais. A mulher em questão, contudo, é aquela da classe média ocidental – brasileira ou européia. Surge então um novo olhar que se propõe a investigá-la no meio rural em suas especificidades sob a ótica da psicanálise. Nenhuma pesquisa ou produção teórica sobre a mulher rural foi encontrada no campo da psicanálise, daí a relevância do tema em questão. Acreditamos, contudo, que a extensa produção teórica no campo psicanalítico

possa ser útil para pensar a subjetividade da mulher do campo a partir do conceito de feminilidade.

No primeiro capítulo, apresentamos então os diferentes percursos freudianos a respeito do desenvolvimento da sexualidade feminina e da formulação do conceito de feminilidade e seus efeitos no campo da subjetividade. Introduzimos, além disso, uma nova interpretação do feminino, desenvolvida por meio da potencialização de determinados conceitos da obra freudiana realizada por alguns psicanalistas (Birman, 1999, 2001; Arán, 2000, 2002; Nunes, 2000; Néri, 1999) na atualidade.

No segundo capítulo, retratamos as diferentes concepções históricas sobre a mulher nos últimos séculos, com o objetivo de desconstruir a visão universal e naturalizada que aproxima a mulher à noção de uma essência/natureza feminina. Apontando o quanto essa aproximação é fruto de complexas formações históricas, construídas ao longo do século XVIII, pelos discursos médicos e filosóficos que insistiam em traçar um modelo único de feminilidade para a mulher ocidental, por onde se constituíram papéis sociais distintos e opostos: homens políticos e mulheres domésticas. Retratamos também o processo de transformações sociais presentes nos séculos XIX e XX que foram favoráveis à vida feminina, propiciando uma série de mudanças como a maior participação social, a entrada no mercado de trabalho, enfim, uma maior inserção na esfera pública. Essa discussão é trazida para o contexto atual brasileiro, apontando também a incidência dessas mudanças na vida da mulher, que, nos dias de hoje, parece estar mais em sintonia com seu desejo e investir mais em si e em sua carreira profissional (Rocha-Coutinho, 1994).

A fim de localizarmos melhor a temática da mulher rural brasileira enveredamos, no terceiro capítulo, pelas pesquisas que vêm sendo desenvolvidas na área da antropologia e sociologia, enfatizando o processo de mudanças nos espaços rurais diante do processo de modernização da agricultura, junto com sua própria crise, o que tem acarretado uma mudança na forma de vida dos agricultores. Há uma verdadeira viravolta na vida das mulheres rurais diante da constituição de um mercado de trabalho feminino. Junto a isso, a diluição de fronteiras entre os espaços urbanos e rurais também tem causado repercussões subjetivas na vida das mulheres rurais que, na atualidade, formulam diferentes projetos, que não incluem a vida no campo.

Com o intuito de estudar os efeitos psíquicos dessas mudanças no espaço rural, paralelamente à discussão teórica, nosso trabalho desdobrou-se em uma pesquisa de campo sobre a experiência da feminilidade realizada na comunidade rural de Janela das Andorinhas. Buscamos então realizar uma leitura psicanalítica sobre essa experiência.